

I

Plenitude do Espírito e vida familiar

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Ef 5.18-21).

Não há, provavelmente, uma área tão importante na nossa vida e na da igreja cristã quanto a família. Cremos que não haja muitas dúvidas a respeito dessa declaração. Todos nós concordamos que famílias sadias e equilibradas formam o esteio de igrejas e sociedades equilibradas. É em famílias assim que indivíduos podem crescer de maneira sadia. Credo nisso e reconhecendo igualmente que a família, de forma geral, está passando por momentos difíceis, trataremos neste capítulo acerca da dinâmica – ou do segredo, se assim o leitor preferir – de famílias bem-sucedidas.

Efésios 5.18–6.4 é o texto clássico do Novo Testamento sobre o assunto. Nele o apóstolo Paulo traça os preceitos gerais para a família, as condições que regem o relacionamento entre pais e filhos e marido e mulher, e o princípio dinâmico que deve controlar essas relações. É no ensino dessa passagem que basearemos o presente capítulo. Porém, antes de nos determos na investigação desse texto, é importante relembrar alguns princípios gerais sobre a família cristã ensinados nas Escrituras.

Primeiro: ser um cristão verdadeiro não é garantia de que o casamento e a vida familiar darão certo. Infelizmente algumas igrejas, comprometidas com os ensinamentos da teologia da prosperidade, fazem

promessas sobre o casamento que vão além daquilo que Deus nos ensina em sua Palavra.

Tais igrejas parecem sugerir que, se fizermos determinados votos ou cumprirmos rituais por elas estipulados, nossos problemas de relacionamento com o cônjuge e os filhos terminarão. Mas, se o segredo de casamentos e famílias felizes fosse simplesmente levar a cabo determinados rituais durante cultos de libertação, por que Deus colocaria nas Escrituras orientações, instruções, conselhos e determinações aos maridos, mulheres e pais cristãos acerca de como se comportar em família?

Ungir o retrato da minha mulher não substitui meu dever de exercer o papel de marido conforme o ensino das Escrituras. Devo educar meus filhos nos caminhos do Senhor, diariamente, se desejo realmente vê-los crescer como cristãos verdadeiros. Nenhuma corrente de oração vai substituir isso. Esse primeiro princípio procura livrar-nos de uma ideia romântica de que o simples fato de irmos à igreja vai garantir-nos um casamento e uma família felizes.

Segundo: ser cristão comprometido com os padrões bíblicos pode trazer dificuldades ainda maiores ao casamento. Aquele que teme a Deus e ama a sua Palavra descobrirá que frequentemente não é fácil obedecer as orientações de Deus a respeito do casamento e da família.

Maridos devem amar a suas mulheres como a si mesmos e esposas devem ser submissas a seus maridos. Para as pessoas que não são cristãs, que não temem a Deus nem respeitam a sua Palavra, isso é um problema; elas simplesmente não seguem essa orientação. Para elas o divórcio é uma solução da qual poderão lançar mão se as coisas piorarem (e, às vezes, antes mesmo de chegarem a esse ponto). Entretanto, para os cristãos, que sabem que Deus odeia o divórcio (Mt 2.16), todos os esforços legítimos devem ser empreendidos para a manutenção dos laços matrimoniais, quando estes estão ameaçados pelos problemas que costumam rondar a estabilidade da família.

O divórcio é aparentemente o caminho mais fácil e rápido para resolver o problema de um relacionamento conturbado; no entanto, os cristãos enveredam pelo caminho mais longo e mais difícil do aprendizado, do quebrantamento, da renúncia e da reconciliação.

Terceiro: casamento e criação de filhos não são assuntos separados de nossa fé. São assuntos sobre os quais a Bíblia se pronuncia. Portanto, devemos reger nosso casamento e a criação de nossos filhos pelos

princípios nela contidos. Temos a tendência de compartimentar certas áreas da vida e isolá-las de nossa santa religião. Quão frequentemente orientamos nosso casamento e nossa família segundo a razão humana, as práticas da sociedade moderna, nossa sabedoria carnal, como fazem as pessoas que não conhecem a Deus!

Portanto, as regras práticas para o casamento e a família, como as que encontramos em Efésios 5.18–6.4, não devem ser dissociadas da doutrina cristã em geral. Ou seja, não devemos cair na velha falácia de tentar separar prática cristã de teologia, e vice-versa. Especialmente nessa passagem de Efésios, podemos ver como essa dicotomia era estranha ao pensamento dos autores do Novo Testamento. Paulo aborda a questão do casamento na perspectiva da doutrina de Cristo e da igreja e enraíza o ensino sobre a criação de filhos no Antigo Testamento. Enfatizamos esse ponto porque cremos que só uma compreensão adequada da relação entre Cristo e sua igreja nos ajuda a ter um casamento feliz. Felizes são os casais que compreendem bem essa analogia e pautam seu relacionamento nela.

Quarto: o conceito bíblico de casamento é único e diferente de todos os demais. Muitas pessoas pensam que o casamento é apenas a legalização da atração física ou, então, simplesmente uma conveniência humana, fruto da necessidade social. Entendemos porém, pela Escritura, que o casamento é uma instituição divina, algo criado e ordenado por Deus para a raça humana.

Sabemos muito bem que esse tipo de concepção do casamento tem cada vez menos adeptos. O casamento, como instituição, tem sofrido alterações radicais, especialmente no Ocidente, em virtude de diversas mudanças sociais: o crescimento do número de jovens que praticam o sexo antes do casamento como resultado do afrouxamento dos padrões morais da sociedade moderna; o aumento da idade média em que as pessoas se casam; mais e mais mulheres casadas seguindo uma carreira profissional e deixando o lar e os filhos em segundo plano; a liberalização das leis concernentes ao divórcio; a legalização do aborto em vários países; a melhora na eficácia e a facilidade de acesso aos meios de controle da natalidade; as mudanças nos papéis tradicionais do homem e da mulher.

Esses fatores, entre outros, têm moldado a mentalidade ocidental moderna sobre o casamento, o qual tende cada vez mais a ser encarado

como mera conveniência social, nem sempre desejável. Entretanto, a igreja de Cristo, muito embora atenta às mudanças, guia-se por padrões e valores mais estáveis – na verdade, imutáveis – no que diz respeito a casamento e família. Esses padrões e valores estão revelados nas Escrituras Sagradas.

A FAMÍLIA NO CONTEXTO DO ESPÍRITO

Neste capítulo examinaremos um importante princípio das Escrituras sobre o casamento e a família. Esse princípio é desenvolvido pelo apóstolo Paulo em Efésios e necessita de um estudo especial: o relacionamento familiar deve ocorrer no contexto de vidas cheias do Espírito Santo.

Na passagem de Efésios 5.22–6.9, Paulo instrui maridos, mulheres, pais e filhos sobre os deveres mútuos, passando-lhes instruções que devem controlar esses relacionamentos. Paulo tem em mente a ideia de que esses princípios devem se concretizar em meio a um ambiente *profundamente espiritual*. Essa é a dinâmica de famílias cristãs sólidas e felizes. Existem diversas evidências que nos levam a dizer isso.

A primeira é: essa passagem, na qual Paulo fala dos deveres dos pais e dos filhos, é precedida e controlada pelo imperativo do versículo 18 de Efésios 5: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas *enchei-vos do Espírito*”. Após essa ordem, vêm as exortações e orientações práticas acerca do casamento e da família.

A relação entre essas duas partes tem escapado aos leitores brasileiros da Bíblia, pois a maioria das versões em português traz, após o versículo 21, o título em negrito “O lar cristão” ou coisa semelhante. Muito embora o objetivo do título seja ajudar o leitor a ter uma ideia do assunto que se segue, acaba por prestar um desserviço, pois trunca a linha de pensamento do apóstolo e interrompe a continuidade do assunto. O leitor fica com a impressão de que Paulo acabou de falar sobre o Espírito Santo no versículo 21 e que, no 22, começa a falar de outro assunto completamente diferente, que é a família cristã.

Na realidade, Paulo não começa um novo assunto no versículo 22, mas simplesmente expande o que havia dito nos versículos 18 a 21. Essa relação é mais fácil de perceber no texto grego. Literalmente, os versículos 21 e 22 estão assim: “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo, as mulheres ao seu próprio marido”.

Vamos explicar esse fato de outra maneira, para facilitar a compreensão. No versículo 18, Paulo exorta os crentes: “[...] enchei-vos do Espírito”. Perguntemos ao apóstolo quais são os passos necessários para obedecer a essa ordem. A resposta vem a seguir. Ele diz: “falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai [...], sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5.19-21). A última determinação significa que os cristãos devem acatar os outros cristãos que se encontram em posição de autoridade.

Nos versículos seguintes, o apóstolo trata desses casos em particular, desenvolvendo o “sujeitando-vos” na área do casamento (Ef 5.22-33), da família (Ef 6.1-4) e da sociedade (Ef 6.5-9). Tudo o que Paulo ensina nesses versículos está diretamente ligado à ordem para que nos enchamos do Espírito. O vínculo é o conceito de sujeição: as esposas sujeitam-se aos maridos; os filhos, aos pais; os servos, aos senhores (existe uma determinação aos homens e aos pais de cumprimento da sujeição mútua, mencionada por Paulo no versículo 21, que será discutida mais adiante neste livro).

Portanto, o ensino de Paulo sobre o casamento e a família (e também sobre nossos relacionamentos no trabalho) é a continuação explicativa do mandamento “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”, que por sua vez é uma explicação do mandamento principal, “enchei-vos do Espírito”.

IMPLICAÇÕES

A raiz dos problemas na família

Essa descoberta significa no mínimo uma coisa muito importante: não podemos dissociar espiritualidade da vida familiar. Todos nós queremos ser bons cristãos, cheios do Espírito Santo; disso não temos dúvida. Podemos começar a ser cheios do Espírito Santo colocando em ordem nosso casamento e nosso relacionamento com os filhos ou com os pais.

Não podemos deixar de ver que a vida espiritual afeta diretamente o casamento e a família. Há uma ligação profunda entre as dimensões: “vida cheia do Espírito” e “vida familiar”. Cremos que isso esteja claro na passagem que estudamos.

A raiz da infelicidade de muitos casamentos – mesmo cristãos – é a dureza do coração humano. Foi à dureza do coração que o Senhor Jesus